

REPENSANDO AS RELAÇÕES BRASIL-ARGENTINA A PARTIR DA DIPLOMACIA CULTURAL (1930-1940)

Raquel Paz dos Santos - PPG-UFF

Buscando um novo olhar sobre as relações entre os dois principais países sul-americanos, procuraremos analisar as formas pelas quais se desenvolveu-se um conjunto de políticas culturais por iniciativa dos governos brasileiro e argentino durante as décadas de 1930 a 1940. No decorrer do período, ocorreu um intenso intercâmbio artístico e cultural entre os dois países, além de projetos dirigidos pelos embaixadores visando difundir informações positivas numa tentativa de diminuir as imagens negativas do país vizinho entre brasileiros e argentinos, buscando compreendê-los em suas especificidades.

Neste contexto de aproximação recíproca a conjuntura dos anos 30 teve um papel decisivo. Por um lado, temos grandes transformações no plano político e econômico com as crises do liberalismo e do capitalismo em 1929 que refletiram profundamente na América do Sul levando ao enfraquecimento da produção agro-exportadora, base das economias brasileira e argentina, e o crescimento pensamento nacionalista autoritário¹. Por outro, vemos que a crise econômica e a necessidade de cooperação mútua para superá-la foi um fator importante na aproximação do Brasil e da Argentina.²

Um outro fator que impulsionou a aproximação entre os dois países neste período foi o fortalecimento do discurso integracionista da América Latina em meio a intelectualidade, visto como uma possível alternativa para enfrentamento em bloco da crise liberal do sistema capitalista. Muitos intelectuais apontavam que diante da crise instalada nos EUA e na Europa, os países latino-americanos deveriam buscar um modelo próprio de desenvolvimento tanto no plano econômico e político, quanto no plano cultural.

Desta forma, a diplomacia cultural³ empreendida pelos governos do Brasil e da Argentina entre as décadas de 1930 e 1940 estava atrelada aos interesses políticos,

comerciais e econômicos de cada país, pois a conjuntura deste período marcada pela crise, pelo fortalecimento do nacionalismo e dos ideais americanistas, estimulou a aproximação desses dois países que queriam superar suas dificuldades internas e estabelecer sua hegemonia na América do Sul.

Desde que Brasil e Argentina se tornaram estados independentes até os anos 40, encontramos momentos que oscilaram entre um certo afastamento e rivalidade e de uma maior aproximação entre os ambos os governos. No decorrer do século XIX, tanto o Império brasileiro como os sucessivos governos de Buenos Aires expressaram uma política de concorrência pela hegemonia na América do Sul, pois ambos disputavam a influência junto as estados- limites Uruguai, Paraguai e Bolívia.

Na primeira década do século XX, ocorre um momento de grande tensão entre os dois países, quando Estanilao Zeballos, ministro das Relações Exteriores, havia sido o perito argentino derrotado pelo Barão do Rio Branco na arbitragem pelo território das Missões (Palmas) na última década no século XIX.

Esta vitória arbitral do Brasil introduziu um novo ingrediente de acrimônia nas relações entre os dois países. Em decorrência desta animosidade mútua, em princípios do século XX, iniciou-se uma corrida naval entre Brasil e Argentina além de atritos inusitados entre o Barão do Rio Branco e o chanceler argentino.

Esta visão de hostilidade ficava evidente na correspondência do embaixador Pedro de Toledo. Em ofício de Buenos Aires em 1920, já na segunda década portanto, ao retratar a imagem que as argentinos faziam do Brasil, destacava a arrogância cultural e racial desses, sobretudo dos portenhos, além de um sentimento de inimizade em relação aos brasileiros:

"O Brasil é em regra figurado como um país de índios e negros, sem civilização e sem progresso (...) Nas farsas e comédias, representado em teatros...o brasileiro é

exposto como um inimigo nato da Argentina, encarnando sempre personagem ora ridículo ou covarde, ora degenerado ou imbecil.”⁴

Porém, havia motivos mais sérios que justificavam o clima de hostilidade entre Brasil e Argentina. Após a Primeira Guerra Mundial, sobretudo entre 1919 e 1927, os preparativos bélicos atingiram dimensões cada vez mais maiores na Argentina com a compra de armamentos e navios no exterior. Além disso, procurou-se estreitar as relações com a Bolívia e o Paraguai. Tais atitudes ampliaram o clima de tensão entre os dois países.

Contudo, na década de 1930, pelos motivos que citamos anteriormente, iniciativas dos governos do Brasil e da Argentina promoveram uma política de reaproximação. Como atestam as visitas de Agustín P. Justo ao Rio de Janeiro em 1933 e a de Getúlio Vargas a Buenos Aires em 1935⁵, quando foram firmados acordos econômicos, políticos e culturais que marcaram um momento importante nas relações bilaterais.

Durante os anos 30, foi muito importante a atuação do embaixador argentino Ramón J. Cárcano, em exercício no Rio de Janeiro de 1933/1937, no sentido de promover relações amigáveis entre seu governo e o brasileiro. Cárcano era historiador e um importante intelectual da época que apoiava um estreitamento das relações com o Brasil não somente no âmbito político e econômico, mas especialmente no plano cultural. Durante sua gestão idealizou e impulsionou os convênios de intercâmbio cultural firmados pelos governos de Justo e Vargas.

Exemplo de um convênio importante assinado entre os dois países em 1933 foi o de “intercâmbio intelectual”, estabelecendo que as instituições ou associações científicas, culturais, literárias e artísticas do Brasil e da Argentina procurariam fomentar por todos os meios o intercâmbio entre seus intelectuais.

Um outro convênio muito significativo que também assinado neste ano foi o da “revisão dos textos de ensino de História e de Geografia”. Segundo este convênio:

“A República dos Estados Unidos do Brasil e a República Argentina, animadas do desejo de ainda mais estreitar as relações de amizade que as unem,

*convencidas de que esta amizade mais se consolidará pelo perfeito conhecimento que tenham as novas gerações, tanto da geografia como da história de suas respectivas pátrias, expurgados dos textos de ensino daqueles tópicos que recordem paixões de épocas pretéritas, quando ainda não se haviam perfeitamente consolidado os alicerces de suas nacionalidades...”*⁶

É interessante observar que a proposta de “apagar” da história do Brasil e da Argentina os textos que abordassem as rivalidades e conflitos de ambos os países em épocas anteriores, além de sugerir uma clara manipulação do conteúdo do ensino de história demonstrava a preocupação de ambos os governos em projetar imagens positivas do país vizinho que era um objetivo fundamental neste momento de aproximação e, sem dúvida, a educação seria um instrumento relevante na construção dessa nova mentalidade.

No conjunto das políticas culturais no âmbito educacional desenvolvidas por estes governos na década de trinta, também merece destaque o “pan-americanismo escolar”. Tratava-se de uma iniciativa brasileira através do Ministério da Educação com o apoio do Ministério das Relações Exteriores, cujo objetivo seria fazer da escola uma diretriz da confraternização americana tentando romper o isolamento do Brasil dos outros países vizinhos. Neste contexto, foram criadas as “escolas argentinas” no Rio de Janeiro. Essas escolas visavam difundir a cultura e a história argentinas no sentido de construir uma imagem positiva do país vizinho e as demais “repúblicas irmãs”.

Em 1936 um outro marco expressivo no desenvolvimento dessas relações culturais foi a criação do “Instituto Argentino-Brasileiro de Cultura”. Lindolfo Collor falou de suas metas em seu discurso inaugural:

“(...) Nas capitais da Argentina e do Brasil e nas ruas das suas cidades principais, ele formará centros de irradiação cultural que aumentam entre as nossas populações o interesse por tudo quanto se refira a vida intelectual de um a outro país. Conhecendo-nos melhor pela inteligência, melhor nos

compreenderemos politicamente e mais nos estimaremos do ponto de vista moral (...). Como os argentinos, também nós os brasileiros estamos seguros de bem servir nas nossas intenções e atitudes os grandes ideais do americanismo..”⁷

É importante ressaltar que esse americanismo exaltado por Lindolfo Collor se contrapunha ao oferecido e proposto pelos Estados Unidos, cujo o objetivo era desenvolver um conjunto de políticas de integração dos países americanos sobre sua égide. Muitos dos acordos e convênios firmados entre Justo e Vargas permitiam a adesão dos outros países do continente.

Mesmo não podendo avaliar o impacto dessas políticas de aproximação cultural nas sociedades brasileira e argentina, é muito significativo o empenho de ambos os governos em estabelecer convênios, acordos, instituições com esse propósito na década de 1930, marcando um novo momento nas relações bilaterais.

Nos anos 40, as relações argentino-brasileiras foram marcadas por constantes oscilações. Em alguns momentos expressaram divergências, em outros, coincidências.

Em 1946, Juan Perón, ao torna-se presidente da Argentina, dizia ser adepto da “terceira posição”, ou seja, não apoiava nem ao capitalismo nem ao comunismo, portanto, adotou uma política de não-alinhamento na “Guerra Fria”. Enquanto que Dutra aprofundou as suas relações com os EUA assumindo uma posição de grande dependência, rompendo as relações com a União Soviética.

Segundo Amado Luiz Cervo⁸, no âmbito regional, um outro aspecto relevante do posicionamento adotado pelos dois governos foi dar uma maior prioridade as suas relações com a América Latina. No entanto, ambos os países neste período mantiveram uma relação de cordialidade, estabelecendo acordos de cooperação mútua, entre outros comerciais, políticos e culturais. Porém, em certos momentos, reacendem-se as desconfianças em relação a determinadas posturas do país vizinho.

Em *Crônica de uma guerra secreta*⁹, o embaixador Sergio Corrêa da Costa, que esteve em Buenos Aires entre 1944-1946, relata a influência nazista na Argentina, evidenciando o fato deste país manter relações com Alemanha até bem próximo do fim da Segunda Guerra. Este posicionamento argentino somado ao Golpe de Estado em 1943 organizado pelo GOU (Grupo dos Oficiais Unidos), quando setores do governo brasileiro se inclinaram pelo não-reconhecimento do regime, criou um clima de desconfianças entre os dois países, apesar da manutenção das relações diplomáticas cordiais. Contudo, tais fatores contribuíram para a diminuição do intercâmbio cultural.

O embaixador João Baptista Luzardo esteve em exercício em Buenos Aires entre 1946/1948. Pertencia a geração política que se formou com a revolução de 1930. Era do Rio Grande do Sul, portanto um homem da fronteira, tendo uma maior proximidade com a sociedade argentina, além de ser amigo pessoal de Vargas. Era também simpatizante do peronismo e sempre procurou promover uma política de aproximação. Esta postura provocou críticas por parte da elite conservadora brasileira, radicalmente contrária a Perón.

Ao tratar dos comentários sobre o Brasil por parte da imprensa argentina com Raul Fernandes, Ministro das Relações Exteriores, lamentava pela escassez e conotação negativa dos mesmos, apesar do trabalho de aproximação desenvolvido pela diplomacia de ambos os países:

"(...) São geralmente escassos os comentários relativos aos acontecimentos importantes ou às realizações que se imponham pela grandiosidade e transcendência. O desenvolvimento econômico, os progressos sociais, a evolução da cultura, a produção científica, as transformações do Brasil em afirmações industriais não parecem despertar a curiosidade da imprensa argentina(...)Ao contrário, são difundidas notícias nem sempre favoráveis ao 'país hermano', não poupando as relativas a desastres, bandoleiros, reações populares momentâneas que revistam alguma violência, doenças endêmicas,

dificuldade atuais de vida e muitos outros assuntos em foco, que possam causar impressão." ¹⁰

Apesar desta postura por parte da imprensa argentina, Luzardo afirmava que esta maneira de agir não caracteriza um posicionamento hostil em relação ao Brasil, mas sim um antigo hábito das agências de notícias. O interessante deste relato é sua tentativa de relativizar a hostilidade entre brasileiros e argentinos, não tomando uma postura de ataque a imprensa argentina sobre as representações negativas que captava no imaginário social sobre o seu país, mas procurava mostrar que tal procedimento seria devido aos "costumes arraigados" na cultura daquele país que criava obstáculos a um entendimento, como ele mesmo diz, sem reservas.

É importante destacar essa releitura que faz em sua correspondência dessas informações difundidas pelos jornais, adotando uma postura de mediador cultural e político que procurava buscar as causas da permanência dessa visão negativa apesar de todo o esforço por parte da diplomacia.

Esse papel de "mediador" adotado por alguns embaixadores do Brasil e da Argentina, é muito relevante porque produz representações mais reflexivas do país vizinho, ao contrário das imagens muitas das vezes carregadas de preconceitos e rivalidades difundidas pela imprensa, que como vimos foram historicamente construídas no contexto das relações entre os dois países.

Finalizando, procuramos neste trabalho analisar os fatores que motivaram bem como as formas pelas quais os governos do Brasil e da Argentina desenvolveram uma diplomacia cultural visando um melhor entendimento e conhecimento mútuo de suas sociedades entre as décadas de 1930 e 1940, não esquecendo que este intercâmbio cultural visava atender aos interesses políticos e econômicos dos dois países. Todavia, o enfoque dessas relações culturais é importante porque nos traz novos fatos sobre o relacionamento entre os dois países,

nos levando a refletir como políticos e intelectuais repensaram a sua imagem sobre o país vizinho e buscaram estratégias de aproximação cultural.

¹ No Brasil, intelectuais como Alberto Torres, José de Oliveira Viana defendiam que somente a partir do estabelecimento de um Estado autoritário o Brasil iria desenvolver-se, o federalismo que era concebido como um elemento desintegrador da unidade nacional. Na Argentina, Leopoldo Lugones, Manuel Gálvez, entre outros, defendiam as idéias em torno do tradicionalismo católico, o culto ao líder, o maniqueísmo como filosofia histórica, a teoria da conspiração universal e a inclinação pelas alternativas autoritárias.

² “(...) suas economias mais se complementavam do que competiam e esta circunstância, favorecida ainda pela vizinhança(...) estimulou de tal modo o intercâmbio comercial que o Brasil se converteu em um dos maiores clientes da Argentina, a ocupar, constantemente, a terceira ou a quarta posição, devido, sobretudo, as volumosas compras de grãos e farinha de trigo. Em 1930, sua participação na pauta das exportações argentinas representou 13,38 % do total, inferior apenas a dos Estados Unidos e à Grã-Bretanha...” BANDEIRA, Moniz. Estado Nacional e Política Internacional na América Latina: o continente nas relações Argentina-Brasil (1930-1992). São Paulo: Ensaio, 1993, p. 26.

³ “(...) Considera-se que as relações culturais internacionais têm por objetivo desenvolver, ao longo do tempo, maior compreensão e aproximação entre os povos e instituições em proveito mútuo. A diplomacia cultural, por sua vez, seria a utilização específica da relação cultural para a consecução de objetivos nacionais de natureza não somente cultural, mas também política, comercial e econômica.” RIBEIRO, Edgar Telles. Diplomacia Cultural: seu papel na Política Externa Brasileira. Brasília: IPRI-MRE, 1989, p. 23.

⁴ HILTON, Stanley. *Brasil-Argentina*. In: JAGUARIBE, Hélio (org.). Leitura de Política Internacional. Brasília: Ed. UNB, 1982, p. 103.

⁵ “Nossos militares apreciaram as demonstrações de apreço que receberam de seus colegas(...) onde esperavam encontrar desconfianças e restrições por certas intrigas desnecessárias(...) a visita teve um grande efeito política de aproximação, de conhecimento recíproco e de melhor compreensão. **Para simpatizar é preciso compreender.**” Diário de Getúlio Vargas. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1995. (grifo nosso).

⁶ Ministério das Relações Exteriores (Coleção Atos Internacionais). N.º 96. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1939, p. 5.

⁷ Arquivo Lindolfo Collor. Discurso inaugural do Instituto Argentino-Brasileiro de Cultura, Porto Alegre 11 de junho de 1936. CPDOC, p. 3.

⁸ CERVO, Amando Luiz. Relações Internacionais da América Latina: velhos e novos paradigmas. Brasília: IBRI, 2001

⁹ COSTA, Sérgio Corrêa da. Crônica de uma Guerra Secreta. Rio de Janeiro: Record, 2004.

¹⁰ João Baptista Luzardo a Raul Fernandes, correspondência, Buenos Aires, 30 de janeiro de 1947, AHI